



Mentruai

3.^o ANNO DA 5.^a SERIE — 1868.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

MONTRÉAL

Montréal é uma cidade do Baixo Canadá, capital de districto e condado, e tem o seu assento na parte oriental da ilha do seu nome, na margem esquerda do rio de S. Lourenço, a distancia de 50 léguas ao sueste de Quebec, e a 90 ao sudoeste de Boston. Era em outro tempo circumdada de uma alta muralha com améias.

A cidade divide-se em alta e baixa (se bem que a differença de nivel entre ambas seja pouco sensível), e em bairros. As ruas novas são largas e bellas; as antigas são estreitas, mas em linha recta pela maior parte. A principal rua da cidade baixa, a de S. Paulo, é a mais frequentada de Montréal, e aquella onde ha maior commercio; a rua de Nossa Senhora, na cidade alta, é parallella á de S. Paulo. Os arrabaldes são os de Quebec, ao norte; os de Santo Antonio e dos Recolletos, ao sul, e o de S. Lourenço ao poente. A maior parte das casas, bellas, grandes, e modernas, são construidas com pedra cinzenta, e poucas têm mais de dois andares: os telhados, as portas e os guarda-ventos das janellas, são todos cobertos de chapas de ferro ou de estanho, — o que lhes dá uma apparencia triste. Ha tres praças publicas: a praça de armas é a mais notavel; as outras duas servem para mercados: em uma d'ellas vê-se um monumento — erguido á memoria de Nelson. Os principaes edificios são o palacio do governo; o palacio de justiça, de um bello estylo; a cadeia, vasta e bella construcção; a antiga cathedral, na praça de armas; o seminario de S. Sulpicio, e o collegio novo.

Montréal é a segunda cidade do Canadá, debaixo do ponto de vista do commercio. O porto, com quanto pequeno, é seguro; navios que demandem 50 pés de agoa pôdem á vontade lancar nas margens os seus carregamentos. O maior inconveniente que apresenta na entrada este porto é a queda de agoas denominada Santa Maria. — Barcos a vapor se occupam em manter seguidas relações de Montréal com a cidade de Quebec.

Chamava-se *Villemarie* nos primeiros tempos a cidade de Montréal. Foi tomada aos francezes 1760 pelo general inglez Amherst; em 1775 os americanos, commandados pelo general Montgomery, a tomáram aos inglezes; mas pouco tempo depois foi restituída a estes.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pág. 192)

Com o livro d'uma senhora rematarei esta já longa revista.

A exm.^a sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata imprimio no Porto uma traducção em verso de *Fingal*, um dos poemas d'Ossian. Como um espirito feminil e peninsular se apaixonou pelo sombrio bardo da Caledonia, pelo poeta que se deleita em cantar combates e ruinas, em desenhar na tela alvacenta das brumas escocezas as formas vagas dos espectros, não o sei eu, mas sei que a traductora se compenetrò perfeitamente do espirito do original, e que soube reproduzir com fidelidade e energia aquelles versos estranhos, que vibram ás vezes com o som rouco do *claymore* batendo nos escudos sonoros, e outras vezes sus-

piram melancolicos e plangentes como a levada que se despenha pelas encostas dos serros highlandezes, ou como o *pibroch* saudoso que desperta ao longe o ecco das cumiadas.

N'uma traducção d'Ossian é, mais do que em nenhuma outra, indispensavel uma grande opulencia de linguagem. A abundancia de epithetos, que caracteriza a poesia dos povos primitivos, não sendo reproduzida com a variedade conveniente, imprimiria de certo uma desagradavel monotonia nos versos do poema. Essa opulencia de linguagem possue-a a sr.^a D. Maria Adelaide, conhece os segredos do nosso idioma, e com facilidade o maneja; mas o que tem sobretudo é o dom de metrificar bem. O verso solto, o mais difficil de todos os metros, pela difficuldade de o conservar na afinação precisa, sem descair n'um destes dois extremos, o desleixo prosaico de Filinto Elysio, e a tumidez sonora da eschola elmanista (e não de Elmano; porque esse fazia-o cheio, harmonioso, e vibrante como ninguem antes d'elle, e só depois d'elle Castilho o soube fazer) o verso solto pois, debaixo dos dedos habeis da traductora d'Ossian, amolda-se a todas as expressões, e deslisa fluente sem monotonia, harmonioso sem turgidez, natural sem prosaismo.

Uma outra difficuldade a vencer era de, no meio d'estes habitos da poesia moderna, que influem consideravelmente sobre o espirito do escriptor, conservar sempre attenção bastante para não introduzir no poema phrase, geito de expressão que destoasse da poetica rudeza do bardo celedonio. «Macpherson foi seu nome», diz Garrett; mas eu, com o respeito devido ao nosso grande poeta, não posso admittir que em pleno seculo XVIII, ao lado da poesia artificial, de que era Pope a mais completa e mais admirada expressão, n'um tempo em que não se attendia senão á litteratura dos seculos illustrados, houvesse um poeta, e principalmente um poeta mediocre como era Macpherson, que se compenetrasse tão bem do espirito dos povos primitivos, que podesse fazer breitar da imaginação, completa e armada de ponto em branco, uma poesia tão accomodada como esta é aos habitos, ás predilecções, aos sentimentos d'elles.

A difficuldade pois a evitar na traducção era a de naufragar no escolho, em que infallivelmente Macpherson naufragaria se commettesse a fraude que lhe attribuem, a de introduzir idéas modernas na teia do poema antiquissimo. Essa difficuldade é que nem sempre a traductora evitou; lembra-me o seguinte exemplo: quando Cuchullin manda convidar Swaran para o seu banquete, diz ao velho bardo Carril, que é o enviado escolhido:

Ha-de o rei de Lochlin, triste, isolado
Sobre as praias d'Ullin ficar scismando
Longe da patria, dos salões doirados?

Augusto Lacaussade traduz *salles bruyantes*. Effectivamente não é natural que na pobrissima Caledonia houvesse no tempo de Fingal salões doirados, que demais a mais contrastam com o rude

banquete que se prepara junto da *fogueira crepitante*.

A traducção da exm.^a sr.^a D. Maria Adelaide é fidelissima; cotejando-a com a traducção em prosa franceza, lida por uma das mais fieis, de Augusto Lacaussade, vi que o constrangimento do verso não obrigou a traductora a desviar-se do original. Citarei um trecho, que o sr. Sousa Viterbo também cita n'uma das cartas que prefaciam o volume, e que é realmente uma bella traducção:

As tropas se approximam. Tal no outomno
Prenhes de raios duas nuvens luctam
Oppostas na carreira, ou quaes torrentes
Que se encontram, murmuram e debatem
Irmanando-se após do val no fundo.
Assim os dois exercitos se juntam
E ruidosos se batem peito a peito;
Para brigar o chefe busca o chefe,
Cada guerreiro ataca outro guerreiro,
Batem os ferros n'outros lisos ferros,
Os elmos pelo ar voam partidos,
A jorros corre o sangue fumegante,
Vibram as cordas nos polidos arcos,
Cruzam-se as flexas mais que ás mil no espaço,
E das lanças partidas o reflexo
Illumina da noite o negro manto.

Eis como Augusto Lacaussade verte o mesmo trecho. Traduzo-o o mais á letra que posso:

«Como negros temporaes do outono, precipitando-se de duas montanhas retumbantes, um do outro se approximam os heroes; como duas torrentes profundas, despenhando-se de fragedos escarpados, confundindo-se e rugindo nos plainos, sombrios e erriçados de lanças se embatem os exercitos de Lochlin e d'Inis-Fail. O chefe só fere o chefe, o guerreiro outro guerreiro fulmina; o aço tine batendo no aço. Racham-se os elmos; golpha emtorno o sangue em borbotões fumegantes. As cordas vibram nos arcos polidos. As frechas silvam no ar. As lanças caem, scintillando, como esses circulos luminosos que doiram a face da noite.»

Cotejando os dois trechos, facilmente se avalia quanto é apreciavel a traducção feita pela distincta dama portuense.

Eu quereria dar ainda conta d'um livro de versos que recebi de Goa; mas o paquete d'Alexandria trouxe-m'o em tal estado, que não lhe resta frontispicio, falta-lhe um grande numero de paginas, e o que é peor é que nem sequer sei o nome do auctor. Lá ficou, juntamente com muitas das folhas, pelo mar das Indias, pelo mar Roxo, ou pelo Mediterraneo.

Termino, pois, aqui esta revista que abrangueu umas vinte obras em prosa e verso, que tenho recebido n'estes ultimos seis ou sete mezes. Como se vê a litteratura portugueza não é esteril, e, o que vale mais, não é esteril de fructos prestadios. Esperanças que despontam, ou antigas promessas realisadas, todos estes livros que analysei, mostram a par dos defeitos naturaes nas obras humanas, ou um talento já feito que vae justificando os applausos do publico, ou um talento em botão que está proximo a conquistá-los.

M. PINHEIRO CHAGAS.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.
PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 195).

XII

No artigo antecedente tivémos occasião de apontar os termos graves, e louvavel isenção com que o historiador de Florença narra a temeraria empreza de *Stefano Porcari*. Vamos agora dizer duas palavras ácerca da narração e circumstancias da famosa conspiração dos *Pazzi* contra os *Medicis*, que nas *Historias Florentinas* de Machiavel occupa muito notaveis paginas.

Os *Pazzi*, familia opulenta e muito numerosa de Florença, tinham grande ciúme do poder, preponderancia e popularidade dos *Medicis*; e demais d'isso, nutriam para com estes um entranhado odio, por causa de uma consideravel herança que lhes competia, e da qual foram privados por influencia de Lourenço.

Este procedimento do principal representante dos *Medicis* é imparcialmente censurado por Machiavel, observando gravemente — que não é justo privar as familias dos bens patrimoniaes. — Para intelligencia d'este ponto, cumpre saber que a *Giovanni dei Pazzi* pertencia a rica herança de *Giovanni Borromeo*, por ter casado com a filha unica d'este; sendo porém disputada a herança, por Carlos, neto de *Borromeo*, influio Lourenço de *Medicis* para que o *Pazzi* ficasse privado d'ella. *Inde iræ.*

O odio dos *Pazzi* contra a familia — sua rival — foi sempre crescendo, e a tal ponto de intensidade, que os incitou a promovêrem uma conjuração para assassinar Lourenço e Julião de *Medicis*. Afim de assegurar o bom resultado do seu sanguinario projecto, aproveitaram todos os elementos de indisposição que podêram encontrar contra os *Medicis* em Florença e em outros pontos da Italia.

O papa Sixto IV, inimigo figadal dos *Medicis*, prometteu apoiar os *Pazzi* na conjuração, — e o arcebispo de Pisa, *Salviati*, obrigou-se a concorrer para o mesmo fim. Similhantermente se associaram ao criminoso intento o conde *Girolamo Riario*, senhor de *Forli*, e filho do papa Sixto IV (1); o rei *Fernando* de *Napoles*; dois *Salviati*, parentes do arcebispo de Pisa; *messer Paggio*, moço ambicioso, *muito amigo de novidades*; *Napoleão Francezi*, e *Bernardo Bandini*, homem de grande audacia, e muito ligado — pelos laços da gratidão — aos *Pazzi*; *Antonio* de *Volterra*, e o *Padre Estevão* — que ensinava a lingua latina a uma filha de *Jaime Pazzi*.

Como se vê, lançou-se uma vasta réde; não esqueceu um só conspirador, de quantos effizamente podiam auxiliar a execução do *santo projecto*; mas não bastou ainda isto. Tendo o papa nomeado cardeal a *Rafael*, sobrinho do conde *Girolamo*, pareceu conveniente aos conjurados

(1) *Avea* (il papa) *volutò guadagnare il favore per l'inalzamento del suo nipote, o figlio, conte Girolamo Riario.* (Pignotti.)

Il s'unit au conte Girolamo, seigneur de Forli, neveu ou plutôt fils du pape Sixte IV. (Artaud.)

chamar a Florença o novo cardeal, inteirando-o aliás do plano da conjuração.

Assentou-se em que fossem convidados os Medicis para um banquete no domingo 26 de abril de 1478, e que no banquete se effectuasse o assassinio d'elles. Malogrrou-se, porém, esta resolução, porque constou que Julião de Medicis não poderia assistir ao banquete. Deliberaram pois os conjurados que, não devendo protraír-se o negocio, se realisasse o assassinio no próprio domingo, na igreja de Santa Reparata, onde os irmãos Medicis, Lourenço e Julião, haviam de ir necessariamente, por estar lá o cardeal Riario. Distribuíram logo os papeis, e coube a Francisco dei Pazzi e a Bernardo Bandini assassinar Julião. — e a João Baptista de Montesecco, condottiere do papa, o de assassinar Lourenço. João Baptista esquivou-se por escrúpulos, a perpetrar o crime, — e foi necessario designar, para o substituir, messer Antonio de Volterra e o padre Estevão. A combinação era que os dois Medicis fôsem apunhalados precisamente na occasião em que o sacerdote estivesse commungando, na missa principal. Effectivamente entrou na igreja Lourenço de Medicis em companhia do cardeal Riario; mas não vinha Julião; e os dois monstros de perfidia, Francisco dei Pazzi e Bernardo Brandini, dêram-se pressa em ir buscal-o a casa, e em trazel-o á igreja, á força de rogativas e de artificio. Quando pois Julião entrou na igreja com os dois fingidos amigos, já seu irmão Lourenço estava dentro. A multidão do povo que assistia ao officio divino era immensa, — de sorte que os assassinos podêram collocar-se perto das victimas, na ordem projectada, e sem inspirarem a menor suspeita.

No instante aprasado, atravessou Bernardo Brandini com uma arma curta o coração de Julião de Medicis, e este caíu pouco depois por terra: arremessou-se então sobre o ferido o bárbaro Francisco dei Pazzi, e saciou o sua sanha amiudando punhaladas, tão cego de furor, que a si proprio ferio gravemente em uma perna.

No mesmo instante tinham caído sobre Lourenço de Medicis os seus destinados assassinos, messer Antonio Volterra e o padre Estevão; mas apenas conseguiram feril-o levemente no peçoço, — ou porque luctou corajoso contra os assassinos, ou porque a estes faltassem fôrças e destimidez, ou porque as pessoas do sequito de Lourenço acudissem em seu soccorro. Antonio e Estevão, mal succedidos na perpetração do crime, fugiram espavoridos e foram esconder se; mas em breve foram prêsos, mortos, e feitos pedacos.

Bernardo Brandini, depois de ter apunhalado Julião, assassinou tambem Francisco Nori, amigo dos Medicis, e correu immediatamente para Lourenço, afim de supprir com a sua coragem e energia o que de lentidão e fraqueza houvera em Antonio, e no padre Estevão; mas a esse tempo já Lourenço se tinha acolhido á sacristia, — de sorte que o enfurecido Bernardo não pôde penetrar ali.

No meio d'esses terriveis lancees, parecia que a igreja desabava: tamanha era a voseria, tamanha a confusão, tamanho o tumulto!

O cardeal Rafael Riario refugiou-se no altar, onde os padres — a muito custo — o podêram salvar, até que a *Senhorra* o fizesse conduzir ao palacio.

Os demais conjurados, á excepção de poucos que podêram fugir de Florença, foram mortos.

Lourenço de Medicis voltou para o seu palacio, sendo victoriado entusiasticamente por toda a parte pela multidão.

Celebráram-se, diz Machiavel, as exéquias de Julião de Medicis, sendo acompanhado á sepultura o seu cadaver pelas lagrimas de todos os cidadãos. E depois acrescenta o historiador, muito engenhosamente: «Ficou de Julião de Medicis um filho natural, que nasceu pouco tempo depois da morte de seu pae, e a quem pozêram o nome de Julio. É este ultimo aquelle que, cheio de virtudes e de felicidade, o universo todo conhece hoje: mais de espaço o retratarêmos quando, com o auxilio e protecção de Deus, chegarmos á época presente.» — Facilmente percebem os leitores, que se refere Machiavel a Clemente VII, precisamente o pontifice, por ordem do qual escrevêra, e a quem dedicára as *Historias Florentinas*.

O que muito a correr temos apontado, refere Machiavel com grande desenvolvimento, e com todos os primores da narração historica. De vez em quando apresenta reflexões e juizos criticos, que impressionam fortemente o leitor.

Depois de contar que o cadaver de um dos conjurados, Jaime Pazzi, fôra arrancado da sepultura dos seus antepassados, depois lançado em um fôso das muralhas de Florença, d'ali ainda arrastado pelas ruas d'aquella cidade, e afinal lançado no Arno: exprime-se n'estes termos:

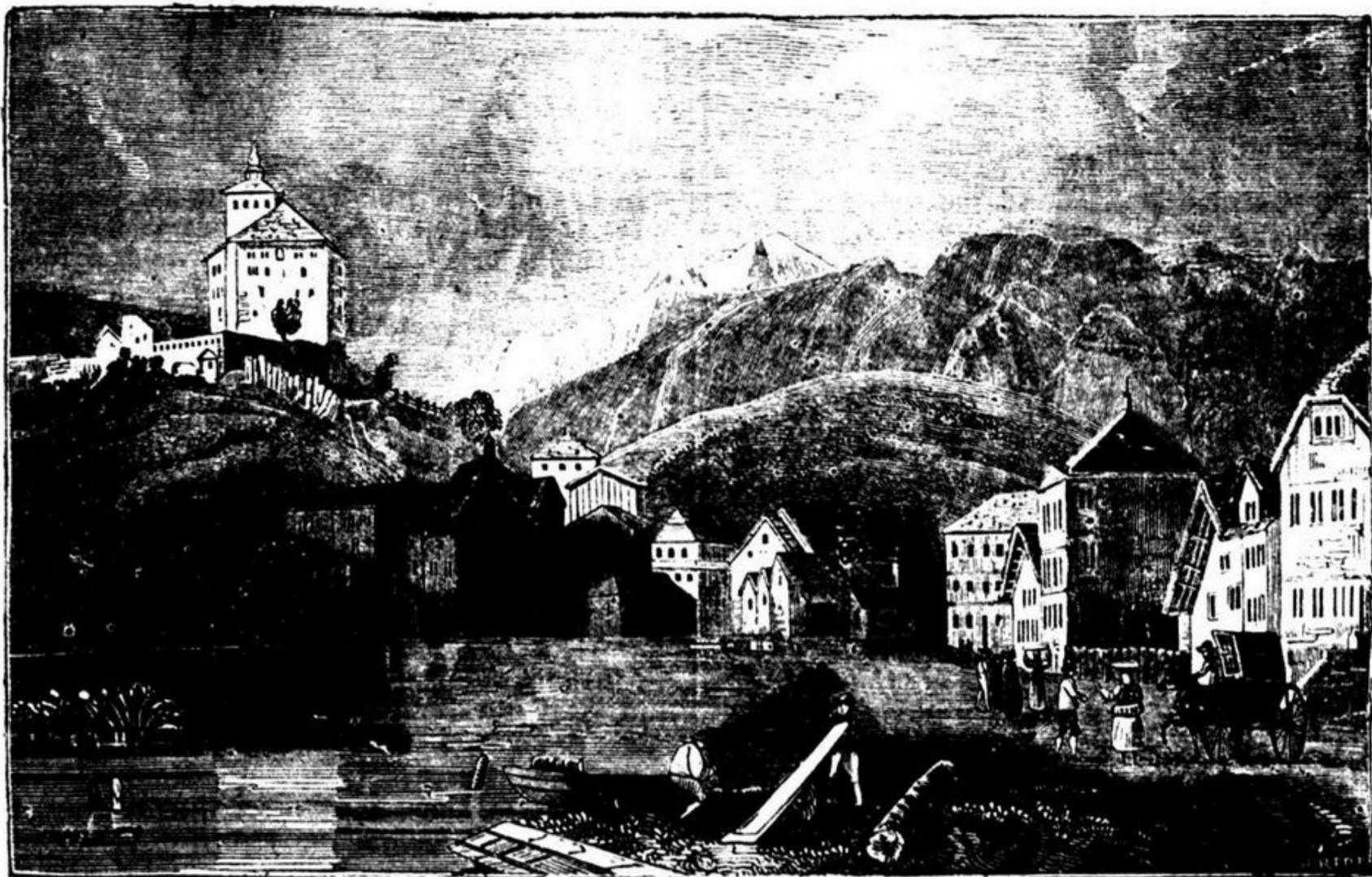
= Exemplo é este verdadeiramente memoravel dos golpes da fortuna! Vêr um homem tão opulento, que vivia em tão feliz estado, cair de repente em desgraças tão lamentaveis, com tamanhos insultos e dôres! Lançavam-lhe em rosto alguns vicios, entre outros a paixão do jogo e a propensão para blasphemar: vicios em que estava engolphado como qualquer homem de mais estragado procedimento. Mas a verdade é que resgatava aquelles senões pelas muitas esmolas que fazia, e pelos grandiosos beneficios que liberalisava aos infelizes e aos estabelecimentos pios. Ainda convém dizer que na vespera do domingo — aprasado para o assassinato dos Medicis, — por não querer arrastar ninguem na sua ruim fortuna, perdoou todas as dividas, e mandou entregar, aos donos, com louvavel sollicitude, todas as mercadorias que lhes pertenciam, e estavam na alfandega e na sua casa.» =

Esta imparcialidade de Machiavel a respeito de um dos principaes conjurados contra os Medicis merêce muitos gabos; não tanto, porém, os merêce o tom de admiração com que falla do perfido procedimento de Francisco dei Pazzi e Bernardo Bandini, quando, ao vêrem que não chegava Julião de Medicis á igreja, o fôram buscar a casa com demonstrações de grande amizade... para depois o, assassinarem! — «É cousa verdadeiramente digna de memoria, diz Machiavel, que tamanho odio, e o pensamento de tão grande crime podêsem alliar se em Francisco e Bernardo, com tanto de coragem e de obstinação de espirito. Pelo caminho, e até chegarem á igreja, foram-no entretendo com gracejos, e com ditos proprios da mocidade. Francisco, sob pretexto de o acariciar, lembrou-se até de o apalpar com as mãos e apertar com os braços, para ver se

trazia vestida alguma saia de malha, ou outra defeza.» — Vê-se, como finamente observa Ginguenê, que as emprezas aventurezas influem sempre em Machiavel uma espécie de respeito, e que, nem se horrorisa, nem se espanta, por mais terríveis que sejam as circumslancias e os traços de perfidia e malvadez que as acompanham! Em todo caso, o tom solenne que Machiavel

toma ao narrar as peripécias da conjuração dos Pazzi, os promeñores severos e precisos, o espirito de methodo que preside á exposiçào dos factos, a energia das expressões enlaçada com a rapidez da narrativa... tudo dá um grande realce a este pedaço de historia, e eleva Machiavel á condiçào de um dos grandes historiadores modernos. (2)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Cidade e castello de Werdenberg

Passando do cantão *d'Appenzell* ao de *S. Gall* muda subitamente o aspecto dos locais e parece transformar-se a natureza; mas esta brusca metamorphose é devida, sobretudo, ao genio do homem. Em lugar das casas de madeira, separadas umas das outras por grandes distancias, e disseminadas sem ordem sobre um solo ondulado, é uma cidade de tijollos, em que as numerosas habitações são estreitamente apertadas e que parecem amontoadas n'um espaço muito limitado para as conter; e assim tambem, em lugar de taboleiros de relva que orna todo o solo de *Appenzell*, é um campo inteiramente coberto de pannos da maior alvura, e estes dois cantões tão visinhos um do outro, não teem de commum senão o muito aceio que se vê em todas as habitações.

S. Gall é notavel pela uniformidade das suas construcções, que testemunham a egualdade de condiçào e de fortunas, bem raro nos Estados commerciantes, e é ainda mais notavel, porque, devendo o seu nascimento á religiào, ha muito que só existe para a industria. A sua religiào primitiva foi a catholica mas mais tarde abraçaram a reforma.

Possue *S. Gall* uma abbadia que só é rica pelas recordações; uma bibliotheca que continha grandes thesouros, e d'onde saíram, no renasci-

mento das lettras, muitos dos principaes classicos, e alguns preciosos manuscritos.

Entre os logares mais notaveis de *S. Gall*, escolheu-se para reproduzir na nossa gravura, a pequena cidade de Werdenberg. Este nome representa um feito heroico para a antiga familia feudal d'este dominio. Era em 1403. Os austriacos acabavam de invadir os cantões de *S. Gall* e *d'Arbon*. Os habitantes d'*Appenzell* haviam-se reunido á pressa para deliberar sobre os meios de defeza, quando repentinamente se apresenta, entre elles, o conde Rudolf de Werdenberg, que os estrangeiros acabavam de expulsar do seu castello. Apenas o conde entrára exclamou: «O inimigo profana com a sua presença as nossas fronteiras sagradas, causando o terror e a destruição dos nossos fóros. Os bens dos Werdenberg tornaram-se a pilhagem dos austriacos, que se entregam ao deboche nas sallas dos meus antepassados. Despojado da minha herança, não conservo senão a espada dos Werdenberg e uma fidelidade a toda a prova, e venho offercel-os. Quereis admittir-me no numero dos vossos concidadãos?»

— Queremos, queremos, exclamou a assembléa unanimemente.

(2) Artaud.

Então o conde, trocando o seu rico vestuário por um grosseiro de pastor, exclamou: «Confundido entre os homens livres e livre como elles, juro de consagrar a minha vida pela liberdade.»

Este entusiasmo electrizou os patriotas, que escolheram Rudolf para seu chefe, e foi sob o seu commando que rechassaram o inimigo e se libertaram do jugo estrangeiro.

OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 200)

X

Carta a Clementina

«Que immensa distancia nos separa, minha amiga! Como é moroso este atravessar do oceano, apesar das invencões com que o infatigavel espirito humano tem encurtado os espaços, vencido o tempo, e obtido innumeradas e successivas victorias sobre o passado.

«Como eu quizera abraçar-te no dia mesmo em que do teu peito se exhalavam confidencias a embeberem-se no meu coração! Como eu poderia responder-te com um écco da minha alma ás vozes intimas do teu sentimento.

«Parabens! minha amiga! Findou a tua viuvez; despiste os crepes que te enlutavam o coração, e eis-te de novo rejuvenescida para as suavissimas affeições que constituem a melhor parte da nossa vida. E quando digo *nossa* refiro-me apenas a nós, mulheres; porque elles, os queridos despotas que nos algemam e tyrannizam com cadeias de flores e com cilicios de espinhos, elles passam e gosam a melhor parte da sua existencia a desperdiçar affeições n'essa roda de extinguiavel gyro a que se chama inconstancia.

«Admiras-te de me ouvir tambem fallar assim. Pasmas de que eu, a artista que a ambição de gloria cobrira de invulneravel broquel de esquivança e isenção, succumbisse enfim, como filha de Eva, ás tentações de provar o pomo da arvore do bem e do mal?

«Arvore do bem e do mal! que outra podéra ser na vida senão a arvore do amor? Bem haja o peccado da nossa primeira mãe; que o pomo appetecido vale bem o paraíso. Deus me perdôe a blasphemia!

«Está-se-me desenrolando agora aqui no espirito largo campo de considerações, com que podéra fazer, por minha conta, annotações ao Genesis sobre este ponto, se não teméra, mais do que os raios do Vaticano, o fulminar-me a tua impaciencia, por te entreter em divagações de theologia pouco orthodoxa, mas que tu, talvez mesmo sem o pensares, acreditas tão bem como eu!

«Que foi da minha isenção? que foi d'esse entranhado fanatismo com que só a gloria me fascinava? Sou má, minha amiga, e para ti absolvo-me respondendo te com outra pergunta:—Que fizeste da corôa de flor de lorangeira, que havias deposto sobre a campã do teu phantasma querido? Como se esvaíu essa imagem vaporosa a ponto de nem d'ella me fallares na tua segunda carta?

«Chimeras do coração, minha amiga, que um olhar masculino nos rouba de surpresa n'uma occasião fortuita, deixando-nos, a ti e a mim, immersas no delicioso arroubamento de um pra-

zer celeste. Que te importa a doce visão que se alevantava d'entre o silencio das campas? ou que me importa a mim esse phantasma da gloria que se me erguia do meio do tumulto da multidão que eu enthusiasmiava? Chimeras do coração que o sopro de um affecto desfaz!

«Ama! que amar é viver! Vive! que a vida com o amor é o goso perenne.

«Se o oceano nos não separára inexoravelmente, haviamos de abraçar-nos muitas vezes a entrelaçarmos as confissões dos nossos mais intimos affectos, como na meninice entreteciamos, juntas, grinaldas de boninas. Assim, seremos como as palmeiras que o infinito dos desertos separa; mandar-nos-emos mutuamente nas azas da viração o pollen da amizade.

«Sabes? Hoje é que sinto verdadeiramente em mim as grandes inspirações de artista! hoje é que faço vibrar nas cordas do meu piano as modulações do sentimento, que o genio dos immortaes maestros enfeixaram em cada partitura; hoje é que, ao fazer o retrospecto da minha auspiciada carreira, pasmo de como a multidão me applaudia phrenetica quando as notas não passavam para mim de um som harmonioso e grato ao ouvido, sem esse alento sublime, que só o sentimento do artista lhes imprime, e que as torna gratas ao coração!

«Ai! minha amiga! com o alvorecer d'esta nova vida em mim, têm-se redobrado os meus triumphos e a senda que trilho é juncada de loiros. Para subirmos á gloria precisamos de um anjo que nos conduza pela mão. Agora creio n'essa pagina de mythologia.

«Nem me censures a denominação de anjo que lhe consagrei, que eu não sei que melhor ella possa competir do que ao espirito que se assenhoreou do nosso espirito, que nol-o alentou, nol-o robusteceu e se identificou com elle. O que é o anjo-da-guarda na esphera da virtude é o anjo do amor na orbita do sentimento!

«E baptisou-o tambem a elle o dom da poesia no templo immortal da arte. Ouve os primeiro versos que elle me deixou entre — *Os raios e sombras* — onde o acaso prendera um dos meus cabellos:

- Quando, pendida a fronte pensativa,
- Em que o esplendido genio tem morada,
- Descanças sobre a pagina inspirada
- Teus olhos, em que os risos vem brincar,
- Nova luz se derrama nas estrophes
- Do sublime gigante, rei da lyra,
- E as paginas, que o estro de Hugo inspira,
- Tem nova inspiração no teu olhar.

- Rainha do talento, que enamaras
- O rei da poesia, o Orpheu sublime!
- Genio, que o seu amor ao genio exprime,
- Como bondoso irmão que afaga o irmão!
- Co'as aureas ondas dos cabellos soltos
- Acaricias de Victor Hugo os cantos,
- Como o sol, que, do ceu banha de encantos,
- Em jorros de brilho e luz, a creação!

- Dourado e tenue fio, que enflorara
- Tua fronte divinal, de embevecido
- Nos canticos do poeta seu tão q'rido,
- Entre as folhas do livro se prendeu;
- Possivel illusão — facil engano!
- A trança que adornára a fronte bella
- Que o sol do genio a scintillar revela,
- Deslumbra-o outro sol — e julga-o seu!

- E alli jazia, deliciado, occulto,
- No esplendido jardim de taes primores,
- Que tem cantos gentis em vez de flores,
- Gloria, por ceu, por astros riso e dôr;
- Quando eu, querendo conchegar ao peito
- O laço em que o cabello me prendia,
- Roubei-o do seu throno de poesia,
- Para-eleval-o n'um altar de amor.

«Estas lisonjas, que repetidas por outrem me serviriam de enfado, ditas por elle afagaram-me a vaidade e fizeram-me bem ao espirito. Julguei-me um portento e caminhei de frente erguida na carreira dos triumphos.

«Já vês bem quanto a minha alma, além dos effluvios da amisade que nos une, estava disposta pelo amor para compreender a tua!

«Depois de te dar tão sinceros parabens pelo teu amor, não consentirias que te fizesse um cumprimento banal pelo matrimonio de conveniencia que me noticias.

«Adeus, pois! que elle e a gloria, que para mim se identificaram hoje na minha vida de artista, chamam por mim e não concedem um instante mais á amisade sempre inalteravel da tua — *Maria.*»

(Continua)

C. B.

PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

I

(Continuado de pag. 196)

Houve outra rasão que moveu Henrique IV a abjurar, e essa rasão parece-nos ser a seguinte:

Na sua grande maioria a França era catholica, e, por conseguinte, monarchica; mas a nobreza turbulenta era protestante, o que significava quasi n'essa época a synonymia de republicana. Rei dos huguenotes, Henrique IV era uma especie de rei polaco, rei d'uma republica de nobres indomitos e exigentes, e d'um povo descontente, que obedeceria com pouco affecto a um monarcha protestante. Rei catholico, Henrique IV mantinha a tradição absolutista, de que elle foi um dos mais strenuos defensores, assentava em bases solidas o edificio da realza, a que Luiz XIV devia pôr a cupula e o remate. Henrique IV não hesitou; o seu genio, as suas tendencias aconselhavam-lhe a que não distraísse da corôa um atomo só do poder que tão maravilhosamente exerceu. N'essa mudança de religião, diga o que disser o escriptor catholico Mercier de Lacombe, não foi a questão de dogma que attraio Henrique IV, foi o principio politico que á sombra do dogma se escondia. Rei de França, percebeu que, para se firmar solidamente no throno, era necessario que se amparasse no esteio do catholicismo.

D'Aubigné, e mesmo Sully, o rabugento amigo de Henrique IV, accusaram-n'o bastantes vezes de ser mais prodigo de dadas e mais condescendente com os seus adversarios do que com aquelles que o tinham ajudado a subir ao throno. A verdade era que Henrique IV percebia que esses adversarios do homem eram os verdadeiros partidarios do principio que elle representava desde que acceitára a corôa e que os mesmos que tinham combatido ardentemente o rei de Navarra,

principe huguenote, seriam as mais fortes columnas do throno catholico do rei de França; ao passo que os seus antigos auxiliares, por mais affectos que se mostrassem ao seu chefe, haviam de combater necessariamente, involuntariamente, pela natureza dos seus principios, da sua origem, o solio em que se sentára, a realza que elle desejava manter em toda a sua plenitude.

Mas, se por um lado entendia que era indispensavel professar a fé catholica para fundar essa grandeza monarchica tão notavel em França, que Richelieu depois ampliou, que Luiz XIV levantou ao apogeu, e que veio a desfazer-se no cadafalso de Luiz XVI, entendia por outro lado tambem que, para reinar tranquillo, era preciso contentar os seus antigos partidarios, era necessario que lhe desse garantias verdadeiras para não suscitar contra si as difficuldades contra as quaes luctára Henrique II, Francisco II, Carlos IX que tentára debalde affogal-as no sangue da noite de S. Bartholomeu, e Henrique III emfim. Como conciliar estas duas cousas? Empregando a tolerancia religiosa. O edito de Nantes não foi só um acto generoso, foi tambem um acto de habilissima politica. Assim, sem pôr em perigo a segurança do reino, pagava aos huguenotes os grandes serviços que lhe tinham prestado, cumpria a promessa tacita que lhes fizera de lhes assegurar a liberdade de consciencia, e reservava-se o direito de lhes reprimir as rebelliões, se elles, não satisfeitos com a tolerancia, quizessem tambem a supremacia. Além d'isso, a protecção que d'essa fórma dava aos protestantes, sem deixar de ser catholico, e de proteger os catholicos, favorecia-o nos seus planos de politica externa. A sua conversão era um penhor de fidelidade ao catholicismo, o edito de Nantes era para o protestantismo um penhor de protecção e de amparo. Fazendo resplandecer aos olhos da Europa maravilhada, na bandeira victoriosa, que empunhava com mão firme, a divisa, n'essa época nova completamente, de liberdade de consciencia, Henrique IV tomava na Europa o papel de medianeiro, e, apesar da força immensa da Hespanha, ia ser por muito tempo, graças ao seu tacto politico, o arbitro dos destinos europeus.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A MÃE

Deveres da mulher

Como é universal a sympathia que nos inspira esta santa palavra de dulcissimo enlevo, de encantador significado! Manancial de prazeres e recordações!

Mãe! Não ha uma só pessoa que, ao pronunciar tão doce nome, não sinta enternecer-se-lhe o coração e affluirem-lhe milhares de lembranças: anjo protector da nossa infancia, guia-nos pela mão no caminho do bem; no seu amor ilimitado e incomparavel é a nossa providencia visivel, a egide da nossa inexperiencia infantil, e a sua benção attrae sobre nós em todas as phases da nossa vida a benção de Deus e os dons da sua infinita graça.

Que magnanima e santa é a missão da mulher quando mãe! ..

«A mulher (1) que recebeu de Deus o dom da maternidade, deixa de pertencer-se a si mesma para pertencer por inteiro a seus filhos, para consagrar-se em corpo e alma ao pequeno rebanho que o senhor lhe confiou.

«O primeiro dever de uma mãe é criar seus filhos; a primeira obrigação que a natureza lhe impõe é amamental-os ella mesma, e n'isso ganha a sua saúde e a sua formosura, porque o criar não envelhece, como erradamente julgam algumas; ao contrario presta novos encantos á mulher, preservando-a por ventura de graves enfermidades.

«Tambem o costume, invadindo o santo terreno do lar domestico, separou as mães dos filhos, como separou o esposo da esposa ao dividir o leito nupcial.

«Hoje não é do bom tom que as senhoras elegantes criem os seus filhos, e entregam-nos a robustas mulheres, por mais imbecis que sejam, unicamente attendendo a que tenham bom leite, porque o mais é lhes indifferente. Essas mães-madras que abandonam seus filhos não se detêm em reflexionar que, com o leite, se transmitem ás criaturas as enfermidades, os vícios das que as amamentam e os seus instinctos bons ou maus.

«Para evitar consequencias muitas vezes dolorosas, deve amamental-os, por si mesma, toda aquella mãe que, como tal, amar os seus filhos, e, ao cumprir este dever sagrado, não deixará de experimentar as mais ineffaveis delicias, porque não ha prazer, mais santo, mais elevado, mais puro, que aquelle que proporcionam as primeiras caricias e os primeiros sorrisos com que esses anjos de amor agradecem o alimento que recebem.

«As que, seguindo o curso da sociedade actual, se privam de tão immensa satisfação para terem liberdade de assistir a bailes e outras distracções, não sabem o que fazem, e, em sua loucura, deixam a verdade pela mentira.

«Digo a mentira, porque todos esses gosos, que só satisfazem os sentidos, são falsos, ephemeros e desleaes, o verdadeiro prazer é o que tem a sua raiz na alma, o que faz palpitar o coração, o que extremece todas as suas fibras mais delicadas, fazendo assomar aos olhos um pranto de enternecimento e desventura.

«Este prazer sente-se a cada momento no lar domestico, este prazer desfructam as mães em toda a hora do dia.

«Oxalá que muitas d'essas mulheres, que já-mais offereceram o peito aos labios de seus filhos, o intentassem alguma vez; oxalá tivessem o capricho de experimentar por si mesmas se é uma verdade quanto fica dito; bem depressa se convenceriam de que nada valem os applausos e as distracções de uma noite de orgia, comparados com o purissimo gosto de alimentar e adormecer em seu seio o anjo do seu amor.

«Minhas palavras e maximas são filhas da mais profunda convicção; digo-o por experiencia propria, não como muitas pessoas que como fallam da virtude sem a conhecerem, fallam da maternidade sem terem a dita de ser mães; que póde entender do amor a um filho a que nunca o sentiu estremecer em suas entranhas?

(1) Tradueção de fragmento de um escripto hespanhol, por uma senhora. Deparou-nol-o o acaso.

«A experiencia é a rasão; dé-se pois credito á experiencia e attenda-se ás suas rasões.

«As mulheres frivolas fallam de frivolidades; as mães devem fallar dos seus filhos.

«Cumprido este primeiro dever de boa mãe, attenda-se com inteira conformidade ao segundo, que é o exemplo. As crianças imitam tudo o que vêem e, em suas almas infantís, gravam-se profundamente as primeiras ideias que recebem.

«Por isso o exemplo nos costumes e nas palavras é uma necessidade na mãe de familia. Procure ella sempre, que a moderação, a temperança e a benignidade sejam a base do seu caracter; por nenhum motivo deve deixar-se arrebatado pela ira em presença de seus filhos, esses movimentos inconsiderados, em que sem reflexão se expressa um desejo de vingança, são fataes para as crianças, porque é uma semente má lançada em suas almas innocentes, e que póde dar um dia preversos fructos. Evite-se á infancia o conhecimento do odio, da inveja, do orgulho, de todas essas paixões mesquinhas que escrayisam a alma, e costumam formar o caracter das criaturas, quando são mal dirigidas, ou têm á vista um exemplo pernicioso.

«A mãe, dando aos filhos o exemplo de submissão e respeito ao marido como chefe da casa, ensina-lhes a obediencia, e a respeitar os seus superiores, manancial purissimo do bem, que é a fonte de todas as virtudes; porque o filho humilde, obediente e respeitoso é branda massa onde se imprimem com facilidade as saudaveis maximas da virtude, que, apoiadas pelo exemplo, são a base da sua dita futura.

«Não menos cuidadosamente se deve evitar nas crianças a vaidade e o amor proprio; uma boa mãe já-mais deve alentar em seus filhos esses alardes de orgulho, que tendem a convertel-os em regulos. O despotismo com que ás vezes mandam os seus criados é prejudicial, porque se fazem soberbos e recolhem odio e animaversão, em vez de carinho e sympathia.

«A exagerada complacencia de algumas mães costumã ser fatal a seus filhos, porque, criando-se com demasiado mimo, se habituam, d'esde pequenos, a verem satisfeitos todos os seus caprichos e não comprehendem as contrariedades da vida, soffrendo muito mais, quando começam a tocar as consequencias da sua excessiva confiança.

«No quebrantar com doçura, e ao mesmo tempo com firmeza, os impertinentes caprichos da meninice, vae um bem para as mães e para os filhos, porque assim se acostumam á docilidade e a vencerem-se sem trabalho algum nas multiplices amarguras de que se acha rodeada a nossa misera existencia.

«As primeiras palavras que devem aprender a pronunciar são o nome de Deus e da Virgem; as primeiras ideias a insuflar-se lhes 'nalma, a religião é o amor a Deus e ao proximo.

«Todos estes deveres são quasi exclusivos da mãe que, com o exemplo, inculcará em seus animos a santa semente que ha de fazel-os bons christãos, bons filhos e bons paes de familia.

«A maternidade é um sacerdocio, e a mulher, no momento de ser mãe, deve-se mais a seus filhos do que a si propria, porque é a arvore sagrada da familia, que infunde a fé, a caridade e o amor no lar domestico.

A. M. D'ALMEIDA NETTO.